

# 1

## **Entrada no Reino Humano**

## **Sistema de Forças**

Vivemos em um mundo multidimensional, embora tenhamos a percepção apenas do tridimensional, o que quer dizer que somos definidos e existimos a partir de três dimensões distintas, convencionadas como altura, largura e profundidade. Assim é a nossa realidade, o mundo físico em que habitamos, e será dessa forma tratado aqui.

Vamos tecer um paralelo entre essas três dimensões e o funcionamento do ser humano. Imaginemos que essas três dimensões nos são dadas por três diferentes linhas, de diferentes qualidades, que se cruzam no espaço. A linha que dá a dimensão de altura seria a vertical e estaria em posição perpendicular à superfície da Terra, que é a linha horizontal. E é esta mesma linha horizontal que daria a dimensão de largura. Do cruzamento da linha vertical com a linha horizontal resultam quatro partes. Na parte que fica acima, está o que chamamos de céu; e na parte que fica abaixo, se encontra a Terra. Na horizontal, temos o lado direito e o lado esquerdo. A terceira linha, que dá o sentido de profundidade, uma vez cruzando as outras duas, no mesmo ponto, cria mais duas partes: uma que fica no que convencionamos como sendo a frente e a outra como sendo atrás.

Assim colocado, vejamos então a que forças está submetido esse sistema, que somos nós. Na vertical, estamos sujeitos à força da gravidade da Terra, que nos puxa para baixo, nos mantendo presos a ela, e à força proveniente dos outros corpos celestes, que nos atrai para o alto.

Embora sintamos menos claramente a força dos outros astros, é fácil observar a sua influência. Vemos um exemplo disso na atração que a Lua exerce sobre a Terra, no movimento das águas, nas plantações, etc.

Esse é o alinhamento que nos dá um eixo e nos faz andar eretos. Se focamos na parte inferior dele, sentimos-nos conectados com o nosso lado material. Se focamos na sua parte superior, sentimos nossa conexão com a espiritualidade. Espírito *versus* matéria – movemo-nos nesse eixo ora atendendo ao apelo da nossa espiritualidade, ora atendendo ao apelo da nossa materialidade.

Quando olhamos para a linha horizontal, saímos da dimensão do espírito e acatamos a nossa sujeição à Terra. As forças que nos atraem na horizontalidade são de uma qualidade totalmente diferente, pois entramos na dimensão do comando da mente: ela impera e decide. O que nos puxa para um lado ou para o outro são os nossos desejos. O que queremos? Para onde vamos? Pegamos com a mão direita ou a esquerda? Damos ou tomamos? Chutamos ou puxamos? Nossa cabeça decide; vamos para onde queremos ir.

A linha da profundidade nos dá a possibilidade de avançar ou recuar, de andar para a frente ou andar para trás. Aqui estamos sob a influência de um outro tipo de força ainda. O que nos move para frente? O que faz com que queiramos voltar? O que nos leva para a frente são os nossos sonhos. O que nos arrasta para trás são as nossas perdas; é a saudade do que tínhamos, o remorso e a culpa pelo que fizemos. Esse é o vetor da alma.

Exatamente entre o acima/abaixo, o direito/esquerdo e o frente/atrás, nesse ponto, está o local onde nos encontramos, resultado do entrelaçamento dessas três dimensões e sofrendo a influência das forças características de cada uma delas.

No centro do cruzamento dessas linhas, no ponto mediano delas, está o nosso ponto de equilíbrio, o local

onde podemos nos sentar e sermos nós mesmos, de onde podemos nos mover para uma das seis direções resultantes. Sair de nosso centro mostra flexibilidade, mas é preciso que sejamos capazes de ir e voltar. É muito saudável, por exemplo, termos um movimento suave de sairmos de nós mesmos em direção ao outro, movendo-nos na linha horizontal.

Se nos movemos para frente, estamos caminhando em nossa vida, construindo coisas e experiências; se nos movemos para trás, estamos recordando o que vivemos; buscamos as experiências do passado.

E se o nosso movimento é na vertical, estaremos ora buscando o que colocamos no alto – nossos ideais mais elevados e espirituais, que nos inspiram – ou então estaremos buscando o nosso aterramento – as bases que a matéria fornece.

Todos esses “lugares” são importantes e nenhum é melhor que o outro. Desequilibramo-nos quando saímos do nosso centro porque acreditamos que em uma dessas direções esteja a solução para os nossos problemas, ou que lá esteja a felicidade e nela venhamos a permanecer sem sermos capazes de voltar.

Dançar em volta dessas seis diferentes direções mostra a nossa flexibilidade, enquanto ir para uma delas e lá permanecer, cristalizando uma posição distanciada do nosso centro, mostra a nossa rigidez. Avançar significa nos mover por inteiro, toda a nossa estrutura, e não pender em uma das direções, desalinhandos nossos eixos.

Movemo-nos quando vamos inteiros.

Como você se desloca do seu centro?  
Tem uma tendência a ir em qual direção?  
Como faz isso?

## **Trindade**

O Cristianismo apresenta a Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – como sendo os três aspectos de Deus.

Similarmente, a ciência também apresenta uma trilogia para os elementos constitutivos de tudo o que existe, com o “modelo dos quarks”.

Vemos que tanto a ciência como a religião apresentam um modelo trino como sendo o que está na base da existência.

Assim, entendemos que, se Deus tem um aspecto trino, o seu filho também tem. O todo passa suas características para aquilo que vem e emana de si, como parte sua que é. O filho de Deus é o que chamamos de alma. É ela que, no processo de descida e estabelecimento no plano terrestre ganha um espírito que vai acompanhá-la na longa jornada que empreenderá pelo reino humano, além de uma mente e um corpo para fazer a travessia.

Dessa forma, olhando para o homem enquanto parte do todo, o seu aspecto tríplice se configura, em primeira instância, como espírito-mente-corpo e, em segunda, como cabeça-tronco-membros.

Os católicos, ao realizarem o chamado “Em Nome do Pai”, tomam a mão direita e desenham com ela a cruz na frente do seu corpo. Começam na testa com o Pai, descem até a altura do estômago com o Filho e depois vão do ombro esquerdo ao direito com o Espírito Santo, finalizando com o amém.

Fazendo uma correlação da Santíssima Trindade com a trindade humana, temos: o Pai, que está no alto,

correlaciona-se com o que em nós chamamos de espírito. É ele o responsável por nossas angústias ligadas a questões do tipo: “De onde vim?”, “Para onde vou?”, “Por que estou aqui?”.

E tudo o que o nosso espírito quer é voltar à sua origem; é retornar à Casa do Pai, de onde veio. É ele o responsável por aquela saudade ontológica que sentimos e não sabemos explicar.

A mente é exatamente o que define e sujeita o humano e é o que em nós se correlaciona ao Filho na Santíssima Trindade. Falaremos do filho pelas próximas páginas, desde seu momento primeiro na humanidade, como Adão, até seu momento último, como o Cristo.

E qual seria a correlação do Espírito Santo? Segundo a Bíblia, Jesus foi concebido pelo poder do Espírito Santo, que aparece como “o consolador”, enviado por Cristo, depois que partiu. Pentecostes é a descida do Espírito Santo nos discípulos para que eles fossem para o mundo espalhar a palavra de Deus. E ainda, é dito que ele mora no coração dos fiéis e serve como umnexo de amor, sendo também o elo da humanidade com o Pai. Vemos em todas essas passagens que a função principal do Espírito Santo é a de intermediador.

Entendemos ser essa a função do corpo, no ser humano. É o corpo que viabiliza a presença da mente. E é esse mesmo corpo que porta o espírito, sendo ele, portanto, o intermediador e o elo de ligação entre nossas duas outras partes. Logo, no paralelo que estamos tecendo entre a Santíssima Trindade e a trindade humana, é o corpo que ocupa o lugar do Espírito Santo.

## **Humanidade**

O Pai, o todo indiferenciado, lança uma porção de si para ganhar mais consciência. Essa porção se individualiza e desce para um ciclo de existência, trazendo as características do Pai, que nele permanecem intocadas durante toda a jornada, embora se vista de carne e lhe dê outra feição.

Por que a porção divina se despreza da grande matriz?

Por que o grão de areia faz a grande viagem para depois voltar a ser areia?

O que o EU agrega ao todo ao ganhar consciência?

Pois é essa a função do filho: ganhar mais luz. Sai uma fagulha divina e volta uma tocha, que, uma vez agregada novamente ao manancial, lhe aumenta a intensidade de luz, claro, em uma porção infinitamente pequena se comparada à grandeza infinita do todo.

O filho vem e se faz homem; veste-se de carne e ganha uma mente. A partir daí faz uma longa trajetória pelo reino humano, ganhando cada vez mais consciência.

Ao se olhar pelo ângulo da ciência, o universo em expansão teria chegado a um momento em que apareceu a Terra e nela a evolução foi se processando. Apareceu a vida celular, que foi evoluindo até chegar ao animal e que foi evoluindo até chegar ao homem: um animal com um cérebro aparelhado para ter uma mente.

Com sua mente, ele cria e passa a ser regido por sua criação. Ele cria as histórias que contam sua travessia, como os contos de fadas, os contos arquetípicos e as jornadas heróicas.

Aparecem os grandes mestres e avatares, que puderam ver além do que vê a grande maioria e têm um importante papel de guia para a humanidade. Esses mestres também são homens que vinham fazendo sua jornada de evolução, como todos os outros, mas deram um passo adiante. Como a evolução não pára no homem, os mestres são aqueles que fizeram toda a travessia e se tornaram o que podemos chamar de super-homens. Tornaram-se mestres os que atravessaram a humanidade e chegaram ao Cristo interno, onde todos chegaremos.

Viram que estão além do que aparentam à primeira vista. Perceberam que são mais que o corpo físico e mais que a mente e vislumbraram a Vida, com “V” maúsculo, voltando à pureza dos animais e das criancinhas, que ainda não funcionam a partir da mente.

Uma vez atingida essa pureza, conhece-se a Deus.

Mas que Deus é esse?

Uma entidade poderosa que nos guia, orienta e pune, como acredita a maioria das pessoas?

Não, não é nada disso.

Estamos falando do viver na dimensão da não-mente. Isso significa viver como os animais, entretanto com consciência. Os animais são puros, mas não têm consciência.

E como fica a questão da evolução a partir daí? Saiu do humano, chegou ao super-humano, atingiu a consciência crística do estado de não-mente. Daí não pertencer mais ao reino humano e não precisar mais voltar a este plano. Chega-se então onde se torna possível a dissolução total e a volta ao estado original, que é o estado da matéria nos seus elementos constituintes. “Tu és pó e pó hás de se tornar”. Não é isso o que diz a Bíblia?

E daí acaba tudo?  
E o todo como fica?  
Vejam.

Se uma individualidade fez a trajetória, não significa que todas fizeram, vão indo adiante enquanto outros vão atrás, e o todo vai se enchendo de suas partes constituintes e se fazendo mais cheio de si mesmo. É como se o cosmos em seu movimento constante fosse se virando de dentro para fora, revirando de tal forma que o que estava dentro vai para fora e o que estava fora vai para dentro, em um processo incessante e contínuo que nunca pára, como que abrindo e jorrando de si mesmo. Daí novas facetas vão se revelando desse mesmo todo, e novas individualidades vão sendo lançadas para sua viagem de ganhar consciência, enquanto outras estão voltando e se integrando nesse todo que nunca cessa de se mover e se renovar. E esse todo, vai assim se fazendo cada vez mais luminoso através dos eons da eternidade.

## **Pecado Original**

Examinemos o mito da expulsão do homem do paraíso, narrado no antigo testamento da Bíblia cristã.

Em Gn. 2:15-17, temos:

“O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e guardar. Deu-lhe este preceito: Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim, mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente”.

“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: É verdade que Deus vos proibiu de comer do fruto de toda árvore do jardim? A mulher respondeu-lhe: Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais. – Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” (Gn. 3)

Vamos analisar essas passagens.

Foi dito a Adão e a Eva que estavam proibidos de comer o fruto da árvore do conhecimento, senão morreriam. A serpente tenta a mulher Eva, indicando-lhe que, se comessem do fruto proibido, seus olhos se abririam, eles se tornariam conhecedores do bem e do mal e seriam tão grandes quanto Deus.

Os dois comeram do fruto. Após isso, seus olhos se

abriram e perceberam que estavam nus. A partir daí começaram a se cobrir com folhas de árvores e depois com peles, provavelmente porque sentiram vergonha.

Vemos que, logo após cometer o ato proibido, a primeira grande consequência foi a aquisição da consciência de que estavam nus.

Como era a vida deles antes do pecado?

Adão e Eva viviam no jardim do Éden, o Paraíso, estavam nus e não se envergonhavam, pois eram como os animais que não sabem de sua condição.

A partir do momento em que Adão adquiriu o conhecimento do bem e do mal, entrou no mundo da dualidade e passou a ter uma mente. Esse conhecimento é a própria mente.

Até ali vivia na unidade. O conhecimento que adquiriu foi exatamente da dualidade. Ele caiu do um para o dois. Saiu do paraíso do estado de não-mente e a partir daquele momento sua mente entrou em operação.

Exatamente como os animais não percebem a dor, o homem também não percebia. A partir de então, a mulher passou a ter filhos com dor e o homem passou a ter de trabalhar. Ou seja, com a mente, ela tomou conhecimento do que é dor e ele de que trabalhar poderia ser cansativo.

O cavalo pode carregar peso durante o dia todo em seu lombo e ele não está trabalhando, pois não tem um aparelho mental para registrar sua movimentação como trabalho. Como vive na unidade, não tem como entender isso como esforço ou trabalho, ou sofrimento. O animal apenas é e apenas existe.

Adão, a partir daquele momento, teve consciência a respeito de sua condição de ser vivente, logo, de ser mortal. O animal não tem consciência de que existe, de quem

ele é. O cão, por exemplo, não “sabe” que é um cão; o gato não “sabe” que é um gato, etc.

O humano sabe que existe, o que significa que morrerá, daí a advertência de Deus: se ele comesse do fruto daquela árvore morreria. O homem adquiriu autoconsciência.

É dito nos evangelhos que Jesus veio trazer a vida, enquanto Adão trouxe a morte. O homem é marcado com a morte, com a consciência de que é um ser mortal.

Simbolicamente, essa foi a missão de Adão: trazer a humanidade para o bicho, matando sua inocência.

Morreram Adão e Eva enquanto criaturas; morreu a ignorância; morreu o não saber. O homem fora corrompido pelo conhecimento. A brancura em que vivia foi manchada.

Podemos dizer que o paraíso em que vivia era como um escuro total onde nada se vê. Não havia inquietude, angústia, ansiedade. Era um estado de paz absoluta, a paz dos que ainda não chegaram ao reino humano.

Abriu-se um raio de luz (consciência) no meio da escuridão (inconsciência) e fez-se luz e sombra. A criatura homem foi expulsa do paraíso e começou o reino humano. Inicia-se aí a sua grande jornada evolutiva.

## **Anjo Caído**

Seguimos ainda examinando o Mito da Criação, conforme o Livro do Gênesis:

Temos em Gn. 3:22:

“Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente.”

E Gn. 3:24:

“E expulsou o homem do paraíso e colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida.”

Adão queria se tornar igual a Deus, por isso comeu do fruto proibido e transgrediu a proibição. Tornou-se semelhante a Ele. À medida que tomou ciência do bem e do mal, conseguiu a capacidade de discernimento.

Mas apenas o fruto da árvore da vida lhe daria a condição de imortalidade. Ele avançou um pedaço na trajetória e ficou faltando a outra parte. O fruto dessa árvore ele não comeu, pois o senhor tomou providência de expulsá-lo logo do paraíso, assim que ganhou a mente, para que não desse o segundo passo, passo esse que deverá dar em algum momento, em sua jornada evolutiva.

Com esse passo, ele ganhou a mente, mas continuou mortal.

Esse é o seu desespero. Talvez o que mais doa ao homem é exatamente saber que é um simples mortal. Essa é uma dor que dói mais que qualquer outra, pois

lhe valeu se tornar tão poderoso se vai morrer e tudo se acabar?

Então, com sua mente, que é tudo o que tem agora, começou a criar, pois ela é de fato muito poderosa. Com seu ato de rebeldia, de alguma forma, se igualou a Deus, porque conseguiu a consciência e também o poder. A partir daí, de posse disso, ele pode até brincar de ser Deus.

E a primeira coisa que fez, por não aceitar sua condição de simples mortal, foi a criação de um Deus imortal à sua imagem e semelhança, cuja função é fazer dele também um imortal. E já que vive na dualidade, automaticamente, criou também a sua contrapartida, o diabo, o oposto do primeiro.

Primeiro, o homem cria Deus, o todo poderoso e criador de todas as coisas, e, depois, disputa com ele a supremacia da criação; não se rende a ele e quer controlar, mandar; quer que as coisas sejam do seu jeito.

Ver o quanto somos nada e não temos poder nenhum é muito difícil agüentar.

Daí vem o arremedo.

O anjo caído é exatamente a mente do homem, pois é ela que disputa o poder com Deus. É ela que não se rende, pois foi criada com a transgressão do homem, que quer ir além.

Ele era feliz, mas não sabia.